



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



BAKHTIN E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo, refletir sobre a construção do sujeito contemporâneo, considerando os conceitos de identidade de autores renomados no assunto e, principalmente, os de linguagem e sujeito de Bakhtin. Os indivíduos contemporâneos encontram-se em um acelerado processo de individualização, através do qual, o “eu” sobrepõe-se ao “nós”, e o relacionamento do indivíduo com o “outro” apresenta um viés mercantil, em que os laços frágeis podem ser desfeitos a qualquer momento e por qualquer motivo. Na esfera pessoal, os relacionamentos entre esses indivíduos são voláteis e fluidos e, apesar de darem uma aparente sensação de liberdade, geram patologias próprias da modernidade líquida, como a depressão, a solidão, o desamparo e o isolamento. Essas manifestações evidenciam a falta do “outro” na vida dos sujeitos contemporâneos, que se veem, cada vez mais, isolados e fechados em si mesmos. Destaca-se, portanto, retomar os conceitos de Bakhtin sobre linguagem e sujeito, através dos quais, o autor afirma o “outro” desempenha um papel crucial na concepção do sujeito.

Palavras-chave: Bakhtin. Identidade; Sujeito Contemporâneo. O Outro

ABSTRACT

This study aims at reflecting on the construction of the contemporary subject, considering the concepts of identity by some well known authors on the subject, and especially Bakhtin's concept on language and subject. Contemporary individuals are in an accelerated process of individuation, by which the "I" overlaps the "us," and the individual's relationship with the "other" has a commercial bias, in which the bonds can be fragile, undone at any time and for any reason. In the personal sphere, the relationships between these individuals are volatile and fluid and, despite giving an apparent sense of freedom, they generate pathologies characteristic of the liquid modernity, such as depression, loneliness, helplessness and isolation. These manifestations show the lack of the "other" in the lives of contemporary subjects, who find themselves increasingly isolated and closed in them. It is noteworthy, therefore, going back to Bakhtin's concepts of language and subject, through which, the author says that the "other" plays a crucial role in the conception of the subject.

¹ Prof^ª Dr^ª da Graduação Port/Ing e da Pós-Graduação *stricto sensu* Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Key-words: Bakhtin. Identity. Contemporary Subject. The Other

1. INTRODUÇÃO

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin [1979]; 1992: 348).

Os conceitos bakhtinianos de linguagem são de fundamental importância para os estudos sobre identidade do sujeito. A noção do “eu” e do “outro”, compartilhada por Bakhtin, é de suma importância para aumentar nossos entendimentos sobre questões de identidade do sujeito contemporâneo.

Contrário às correntes personalistas da época, que sustentam que a fonte do significado é o indivíduo singular, Bakhtin considera a fonte do significado da linguagem, no social.

Para Bakhtin, a alteridade marca o ser humano, sendo o “outro” imprescindível para sua constituição, visto o sujeito de Bakhtin se constituir na e através da interação, reproduzindo na fala e na prática o contexto imediato e social.

Os conceitos de sujeito e de identidade são relativamente novos na história da humanidade. No passado, acreditava-se na existência do “eu” imutável. Mais tarde, surge a ideia de um sujeito que se estrutura a partir de relações com as outras pessoas. Por último, emerge a concepção do indivíduo pós-moderno na qual a identidade é múltipla e dinâmica (Hall, 2004).

Segundo essa perspectiva, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (Hall, 2004: 7).

Assim, esse sujeito pós-moderno vive diferentes identidades, que não se unificam em torno de um “eu” coerente e que se modificam ao longo do tempo (Hall, 2004; Moreira e Macedo, 2002). O “eu” passa a



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



ser entendido como uma produção histórica, cultural e discursiva, em constante processo de reconstrução e definido por suas relações com os outros (Carlson e Apple, 2002), como advoga Bakhtin.

A chamada crise de identidade, vista como parte de um processo de transição em que se encontra a humanidade, abala grupos institucionais de referência como família e igreja, desestabilizando o mundo social desse indivíduo.

A contemporaneidade ou pós-modernidade, como alguns autores denominam a era atual, trouxe uma série de mudanças em todos os aspectos da vida social (Chouliaraki e Fairclough, 1999).

A globalização definida por Giddens (2002: 69) como a “intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância”, a velocidade dos meios de comunicação e o desenvolvimento da tecnologia, exerceram grande influência nas relações e nas identidades dos seres humanos.

Assim, diante do exposto, este estudo tem como objetivo, refletir sobre a construção do sujeito contemporâneo, considerando os conceitos de identidade de autores renomados no assunto e, principalmente, os de linguagem e sujeito de Bakhtin.

2. BAKHTIN E OS CONCEITOS DE LINGUAGEM E SUJEITO

Não existe nem a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico. Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis: eles sempre irão mudar no processo de desenvolvimento subsequente futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada. Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (Bakhtin/ Voloshinov, [1979], 1992b: 410).

Bakhtin (1895-1975) é considerado um dos maiores pensadores do século XX e um marco teórico fundamental dos estudos da linguagem. Em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, o autor expõe sua teoria do dialogismo, da alteridade e da polifonia, enfatizando a heterogeneidade da *parole*, diferentemente de Saussure e dos estruturalistas da sua época, que privilegiam a *langue*.

Bakhtin (Bakhtin/Voloshinov [1929], 1992a) nega o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, alegando que esses constituem um obstáculo à apreensão totalizante da linguagem: o primeiro, ao reduzir a linguagem à enunciação monológica isolada; o segundo, ao reduzir a linguagem a um sistema abstrato, estável, imutável e normativo de formas linguísticas, transmitido por gerações.

De acordo com Bakhtin (Bakhtin/Voloshinov ([1929], 1992a: 124), a linguagem vive e evolui historicamente na comunicação social concreta, encontra-se integrada à vida humana e deve ser compreendida como um fato social concreto, que se realiza por meio das necessidades de comunicação, isto é, da necessidade do homem de expressar-se e exteriorizar-se. Através do emprego da linguagem, o sujeito exprime sua capacidade de criação e expressividade.

O caráter interativo da linguagem é a base do arcabouço teórico bakhtiniano. Segundo Bakhtin (Bakhtin/ Voloshinov ([1929], 1992a: 123), a verdadeira substância da língua é constituída “pelo fenômeno social da interação verbal realizada por meio das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”.

Bakhtin (Bakhtin/ Voloshinov ([1929], 1992a) considera a enunciação, o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, pois sua natureza é social. Toda enunciação completa é constituída de significação e de sentido ou tema e a compreensão desses dois elementos só é possível na interação. A significação, ou seja, os conceitos que estão nos dicionários, é a parte geral e abstrata da palavra, responsável pela compreensão entre os falantes; já o sentido é concreto e construído na compreensão ativa e responsiva, estabelecendo a ligação entre os interlocutores. O sentido da enunciação não está no indivíduo, nem na palavra e nem nos interlocutores, pois é o efeito da interação entre o locutor e o receptor, produzido por meio de signos linguísticos. De acordo com Barros (1997: 31), “os falantes no diálogo se constroem e constroem juntos o texto e seus sentidos”.

Para Bakhtin:



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Somente a enunciação tomada em toda a sua plenitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema que pode ser apreendido nas formas verbais e não verbais da enunciação, como, por exemplo, o contexto, o conteúdo ideológico, a entonação e as pausas (Bakhtin / Voloshinov [1929], 1992a).

Todo enunciado é acompanhado de um posicionamento do ouvinte, que imediatamente se torna o locutor.

Cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte (Bakhtin/ Voloshinov [1979], 1992b: 291).

O enunciado é sempre uma resposta a um enunciado anterior. O locutor mantém relação não só com o objeto da enunciação, mas também com os enunciados dos outros. Não há enunciado que não pressuponha uma atitude responsiva do interlocutor e não há comunicação se não houver um receptor ativo, já imaginado numa situação dialógica, quando o locutor faz escolhas em relação ao seu próprio enunciado.

Segundo Clark e Holquist (1998: 238), “as relações entre enunciados são sempre condicionadas pela resposta potencial de um outro”.

A noção de compreensão proposta por Bakhtin (Bakhtin/ Voloshinov [1929], 1992a: 113) ilustra o movimento dialógico da enunciação, a qual constitui o território comum do locutor e do interlocutor. Para o autor ([1929], 1992a: 85), “a palavra é um território compartilhado, quer pelo expedidor, quer pelo destinatário”.

Compreender não é um simples processo de identificação e não significa reconhecer o sinal ou a forma linguística, apenas. O que importa na comunicação é a interação dos significados das palavras e de seu conteúdo ideológico, não só do ponto de vista enunciativo, mas também do das condições de produção e da interação locutor/receptor. Como afirma Bakhtin, “não importam apenas os efeitos da comunicação sobre o destinatário, mas também os efeitos que a reação do destinatário produz sobre o destinador.” (Barros, 1997: 31).

Sendo assim, a comunicação não é um processo unilateral de emissor para receptor e os interlocutores não devem ser considerados isoladamente, pois são os elos do processo comunicativo, assim como seres sociais constituídos pelas interações sociais das quais participam.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Os estudos realizados por Bakhtin no começo do século XX apresentam como característica fundamental da linguagem a natureza dialógica, isto é, toda palavra está relacionada à outra de outro locutor, existindo assim uma interação entre um discurso atual e outros formulados anteriormente.

Como aponta Brait (1997), o dialogismo na teoria bakhtiniana pode ser interpretado como o elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem, pois diz respeito “ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, que existe entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade.” (Brait, 1997: 98)

Para entender melhor o conceito bakhtiniano de dialogismo, é necessário entender o princípio da heterogeneidade da linguagem, segundo o qual todo discurso é construído a partir do discurso do “outro”, ou seja, o “já dito”. Assim, as palavras não são de um único enunciador, uma vez que já foram ditas em algum lugar da história e, por isso, estão impregnadas de valores ideológicos, tendo o sentido modificado em função do momento do uso.

Nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu. (Bakhtin 2004: 79)

Nessa perspectiva, a realidade da fala deve ser vista como um evento social, lugar de permanente interação verbal; o sujeito, considerado como aquele que dará expressão à palavra, refletindo a ideologia e o meio social em que vive; e a linguagem, compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica. A palavra torna-se a revelação de um espaço no qual os valores de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam, transformando-se de acordo com o contexto em que surge, possibilitando diferentes significados e revelando os sujeitos e a ideologia. Já o discurso constitui-se do entrecruzamento de outros discursos, por vezes em oposição, negando-se e contradizendo-se. Esses entrecruzamentos de discursos podem ser observados nas entrevistas desta pesquisa.

Para o filósofo russo (1992: 86), o discurso não é individual, pois se constrói entre pelo menos dois interlocutores e como um diálogo entre discursos. Segundo ele, utilizamos enunciados pré-existentes e apropriaremos-nos da fala de outros, incorporando outros locutores ao nosso próprio enunciado. O discurso também não é neutro ou inocente, mas, sim, impregnado de intencionalidade, pois o sujeito o produz a partir



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



de uma perspectiva ideológica, veiculando valores, crenças, visões de mundo que representam os lugares sociais que ocupa.

Para Bakhtin, a linguagem é constituída das ideologias dos grupos sociais que a usam em diferentes condições, determinando seu significado, e é entendida como um fenômeno ideológico por excelência, um campo de batalha social capaz de registrar todas as fases transitórias do processo social, inseparável da questão de poder.

A palavra dirige-se a um interlocutor, ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo pessoal ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, meu marido, etc.). (Bakhtin/ Voloshinov, [1929], 1992a: 112).

Assim, não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. A relação entre linguagem, mundo e torna-se possível porque a ideologia intervém com o seu modo de funcionamento imaginário e o indivíduo, norteado pela ideologia, torna-se sujeito do seu próprio discurso. A linguagem só se realiza e faz sentido se inserida em um contexto social, histórico e cultural, que determinará a organização do discurso.

Para o autor (Bakhtin/ Voloshinov [1929], 1992a: 35), “a consciência individual não só nada pode explicar, mas ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social”. Dessa maneira, a consciência individual adquire existência a partir dos signos construídos no curso das relações e interações de grupos organizados socialmente e o diálogo é o produto da relação de alteridade entre duas consciências socialmente constituídas, uma vez que o auto-reconhecimento do sujeito ocorre através do reconhecimento do outro.

As práticas sociais de uso da linguagem, portanto, manifestam-se através da interação verbal entre os interlocutores. Compartilhando as ideias de Bakhtin, Barros (1997) afirma que o dialogismo é a característica essencial da linguagem, princípio constitutivo de todo discurso e espaço interacional entre o “eu” e o “tu”, ou o “eu” e o “outro”, pois, “nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz”. Segundo a autora, os sujeitos, enunciador e enunciatário, estabelecidos da interação verbal, são constituídos por diferentes vozes sociais que fazem deles sujeitos históricos e ideológicos.

E assim, baseado nesses pressupostos, Bakhtin elabora a sua teoria polifônica, afirmando a existência de uma pluralidade de vozes, ou seja, “consciência” ou “personalidade” falante presente nos enunciados, as quais compõem um discurso, sem que uma delas se sobressaia às demais. O dialogismo, portanto, não deve ser confundido com polifonia, porque o primeiro é o princípio dialógico constitutivo da linguagem e o segundo caracteriza-se por vozes polêmicas em um discurso.

Vemos, então, que “a relação entre interlocutores não apenas funda a linguagem [...], como também constrói os próprios sujeitos [...]” (Barros, 1997: 28). A linguagem é, portanto, fruto da interação entre os sujeitos envolvidos na comunicação, além disso, é nessa interação que o sujeito se constrói.

3. O CONCEITO DE IDENTIDADE DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (Hall, 2004: 9).

Bauman (2001) afirma que a “liquidez” da modernidade gera uma mudança dos significados das instituições e fluidez das identidades. Segundo o autor, a diversidade cultural faz com que os indivíduos se deparem com múltiplas identidades, que são negociadas, construídas e desconstruídas no transcorrer da vida.

Essa visão sócio-construtivista das identidades fluidas e mutáveis está relacionada às identidades definidas como construções sociais e discursivas, já que construímos o que e quem somos nos encontros interacionais do dia-a-dia (Berger e Luckman, 2004; Moita Lopes, 2003). Assim, corroborando Bakhtin, no que diz respeito aos conceitos de sujeito e linguagem, de acordo com a perspectiva dos autores sócio-



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



construtivistas que serão expostos a seguir, as identidades sociais não são inatas, mas construídas no discurso.

Então, pode-se considerar que as relações de sujeitos e de sentidos, nas quais as identidades sociais se constituem, são múltiplas, variadas, heterogêneas, fragmentadas, contraditórias e em fluxo, fazendo parte das práticas discursivas nas quais atuamos (Orlandi, 2001).

Para Chouliaraki e Fairclough (1999: 41), a construção de identidades no discurso, formada no diálogo contínuo entre o “eu” e a sociedade, torna-se uma característica marcante da vida social na pós-modernidade. Os autores complementam essa idéia afirmando que “em uma comunicação interativa as pessoas não representam o mundo abstratamente, mas sim de acordo com suas relações sociais com outros e sua construção das identidades sociais” (Chouliaraki e Fairclough, 1999: 41). Assim sendo, discursos e identidades formam uma ação conjunta, pois ao mesmo tempo em que interagimos no mundo através da linguagem, construímos o mundo e a nós mesmos em um processo contínuo e dinâmico, o que justifica os objetivos e todo o desenvolvimento deste estudo.

Validando os conceitos expostos, Moita Lopes e Fabrício (2004) afirmam que:

o socioconstrucionismo aponta para o nosso contínuo envolvimento no processo de autoconstrução e na construção dos outros, o que quer dizer que, nas práticas discursivas em que estamos situados, ao tornarmos o significado compreensível (ou não) para o outro, construímos a outridade ao mesmo tempo em que ela nos constrói. (Moita Lopes e Fabrício 2004: 7)

Segundo Moita Lopes e Fabrício (2004), não existe princípio da identidade desvinculado de uma prática coletiva e de determinado contexto social que lhe dê sentido e articule consequências convencionalizadas. Dessa forma, os autores advogam haver um vínculo indissociável entre identidade, linguagem, sociedade, contexto, comportamento e atividades humanas. Complementando tal idéia, Giddens (1991) afirma que a pessoa tem identidades múltiplas e as “veste” de acordo com o papel que exerce em um determinado momento.

De acordo com Moita Lopes (2003), o discurso é entendido como práticas sociais nas quais nos engajamos em contextos históricos, culturais e institucionais específicos, a fim de agirmos no mundo de



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



acordo com nossos valores, crenças, interesses, posições e relações sociais. Além disso, é justamente na interação com o outro que construímos, a todo o momento, o mundo a nossa volta, o outro e nós mesmos.

Assim, considerando que a maneira como o sujeito social é reconhecido pode mudar a cada interação e no curso de várias interações, pode-se dizer que: as identidades sociais são fluidas e estão em constante processo através da linguagem; fragmentadas, conforme o posicionamento do indivíduo nas interações discursivas; e contraditórias, dependendo do posicionamento do indivíduo (Moita Lopes e Fabrício, 2004).

Para Moita Lopes (2002), nossas identidades são constituídas historicamente, incorporando o passado e o futuro na negociação do presente, permitindo-nos selecionar o que contribui e o que permanece marginal nesse processo de construção identitária. Dessa maneira, cada comunidade de prática torna-se um campo de possíveis trajetórias, de possíveis passados e possíveis futuros em que os participantes podem se engajar; e a constituição das identidades sociais define-se por uma construção social, uma experiência de pertencimento múltiplo, que ocorre por meio da inter-relação entre aspectos sócio-históricos mais amplos e entre as especificidades que caracterizam uma determinada comunidade de prática.

Concluindo, a identidade do sujeito pós-moderno não é unificada, segura ou completa e é definida a partir do discurso, tanto do sujeito, como do outro; portanto, está “sempre se (re) construindo no processo social de construção do significado” (Moita Lopes, 2001: 61). Assim, se a construção da identidade implica negociação de significado e de experiências com os participantes de uma comunidade social, cultural e histórica, então, só é possível falar de identidade considerando o sujeito, a língua e o coletivo.

4. A CONTEMPORÂNEIDADE

As instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global. No entanto, essas não são apenas transformações em extensão: a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e, portanto com o eu. (Giddens, 2002: 9).

O conceito de contemporaneidade nesse capítulo é definido e denominado diferentemente, de acordo com os diversos autores apresentados. Giddens (2002) a chama de “modernidade tardia”. Gee (1999) “o novo capitalismo”. Bauman (2001) a denomina de modernidade líquida. Oliveira (2006) enfatiza o fenômeno da globalização dos tempos atuais. Já Hall (2004) e Moita Lopes (2001, 2002, 2003) preferem chamá-la de “pós-modernidade”. Escolhi o termo contemporaneidade para referir-me a época em que vivemos.

As características dessa “modernidade tardia” são, basicamente, a dúvida e a ideia de que todo o conhecimento toma a forma de hipótese, uma vez que a verdade no presente pode ser revisada e abandonada no futuro. Vivemos um tempo de inquietudes, ansiedade, incertezas e fragmentações e estamos inseridos em um “mundo em disparada” cujos processos de mudanças são profundos, afetam as práticas sociais e os comportamentos pré-existentes, fugindo ao controle do indivíduo (Giddens, 2002).

Gee (1999: 43) denomina de novo capitalismo as transformações da “modernidade tardia”, através do qual são criadas “novas relações e alinhamento dentro e entre as esferas da família, da escola, dos negócios e da ciência”, alterando, conseqüentemente, nossas identidades.

Bauman (2001), por sua vez, discorre sobre os efeitos dos tempos pós-modernos utilizando-se da metáfora da liquefação, ou seja, fenômeno de transformação do líquido que, em estado sólido, apresenta concretude e firmeza, e em estado liquefeito, ganha fluidez, maleabilidade, flexibilidade e a capacidade de moldar-se em relação a infinitas estruturas.

Assim, em tempos de transformações sociais aceleradas, a solidez das instituições sociais - do Estado, de bem-estar, da família, das relações de trabalho, entre outras – vem dando espaço às dissoluções dos laços afetivos e sociais, ao desapego e à provisoriedade, criando uma aparente sensação de liberdade e mascarando as evidências do desamparo social.

O homem contemporâneo é, portanto, um sujeito desamparado, carente de referenciais do passado em meio à avidez pelo novo, pelo atual. “o desamparo crescente seria o preço que o sujeito teve e tem de pagar pela aposta que fez no projeto da modernidade” (Birman, 2000: 123, *in* Oliveira 2006).



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



5. REFLEXÕES FINAIS

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (Bakhtin/ Voloshinov, [1929] 1992a: 113).

Os indivíduos “moderno-líquidos” encontram-se em um acelerado processo de individualização, através do qual, o “eu” sobrepõe-se ao “nós”, e o relacionamento do indivíduo com o “outro” apresenta um viés mercantil, em que os laços frágeis podem ser desfeitos a qualquer momento e por qualquer motivo.

Na esfera pessoal, os relacionamentos entre os indivíduos “moderno-líquidos” são voláteis e fluidos e, apesar de darem uma aparente sensação de liberdade, geram patologias próprias da modernidade líquida, como a depressão, a solidão, o desamparo e o isolamento. Na esfera social, testemunhamos manifestações de exclusão, das mais variadas formas, forçando os indivíduos a afiliarem-se por guetos, processo denominado por Bauman (2001) de tribalização social.

Todas essas manifestações evidenciam a falta do “outro” na vida dos sujeitos contemporâneos, que se veem, cada vez mais, isolados e fechados em si mesmos.

Retomo então, os conceitos de Bakhtin sobre linguagem e sujeito, através dos quais, o autor afirma que o sujeito constrói sua identidade à medida que se relaciona com o outro, e através da atitude responsiva às diversas vozes sociais, com diferentes e até contraditórias valorações.

Como vimos, para Bakhtin, o “outro” desempenha um papel crucial na concepção do sujeito. A alteridade marca o ser humano, pois esse “outro” é imprescindível para sua constituição. Segundo a perspectiva bakhtiniana, o sujeito se constitui à medida que vai ao encontro do outro. O “eu” para Bakhtin não é monádico e nem autônomo; ao contrário, existe a partir dos diálogos com os outros “eus”,



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



necessitando da colaboração dos outros para poder definir-se e ser “autor” de si mesmo. Por isso, não se pode pensar o homem fora das suas relações.

Assim, considerando os conceitos de Bakhtin, ousou sugerir que, talvez, se o sujeito contemporâneo fosse ao encontro do “outro”, quem sabe, minimizaria os sentimentos de inquietudes, ansiedade, incertezas e fragmentações, próprios dos tempos atuais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN M. (Voloshinov, V.N.-1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992a.
- . (1979). **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992b.
- BARROS, D.L.P. Contribuições de Bakhtin às teorias do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 p. 27-36.
- . Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Org.) **Diálogos com Bakhtin**. 2 ed. Curitiba: UFPR, 1999.
- BARROS, D.; FIORIN, J.L. (Orgs.) **Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1999.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Azevedo – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001
- BERGER, P.L.; LUCKMAN, T. **A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BIRMAN, J. **Freud e a experiência psicanalítica: a constituição da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 2000.
- BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- CARLSON, D. & APPLE, M.W. Teoria educacional crítica em tempos incertos. In: MOREIRA, A. F. B & MACEDO, E. F. Currículo, identidade e diferença. In: MOREIRA, A. F. B. & MACEDO, E. F. (orgs.). **Currículo, práticas pedagógicas e identidades**. Porto: Porto Editora, 2002.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. Traduzido por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

GEE, J.P. & LANKSHEAR, C. The new work order: critical language awareness and 'fast capitalism' texts. **Discourse: studies in the cultural politics of education**, 16 (1), 5 – 19, 1995.

GEE, J.P. The future of the social turn: social minds and the new capitalism. **Research on language and social interaction**, 32 (1&2), 61-68, 1999

GEE, J.P.; HULL, G.; LANKSHEAR, C. **The new work order: behind the language of the new capitalism**. USA: Westview, 1999.

GIDDENS, A. **Modernity and self identity: self and society in the late modern AGE**. Cambridge: Polity, 1991.

———. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

———. **Discurso, corpo e identidade: masculinidade hegemônica como comunidade imaginada na escola**. Revista Gragoatá, Niterói, v. 11, p. 207-226, 2001.

———. (Org.). **Discursos de identidades**. Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras. 2002.

———. **Identidades fragmentadas: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, L.P.; FABRICIO, B.F. **Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas**. Veredas, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 11-30, 2004.

OLIVEIRA, M.C.L.; Gomes, J.R.S. **Identidades Profissionais em contextos organizacionais**. Gragoatá (UFF), v. 18, p. 65-82, 2005.

———. **Por uma Linguística Aplicada mais inclusiva**. Calidoscópico (UNISINOS), v. 7, p. 93-96, 2009.

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso: princípios e procedimento**. 3ª ed., Campinas, Pontes, 2001.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



PAIVA, V.L.M.O. A identidade do professor de inglês. **APLIEMGE: ensino e pesquisa**. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, 1997. p. 9-17

PEREIRA, M. Sessão de apresentação. **Palavra** n.8, Rio de Janeiro, Departamento de Letras da PUC-Rio, 2002.

(orgs.) *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 20. Campinas, Unicamp, 1991.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconstrução radical? In: SIGNORINI, I. (org.) **Linguagem e identidade**. São Paulo, Fapesp; Campinas, Mercado de Letras, 1998.

———. Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a Linguística que nos deixou na mão: observando mais de perto o chauvinismo linguístico emergente no Brasil. IN: RAJAGOPALAN, K. (org.) **A linguística que nos faz falhar – investigação crítica**. São Paulo, Parábola Editorial, 2004.

RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P.M. (Orgs.), **Sociolinguística Interacional**. 2 ed. ver e amp. São Paulo: Loyola, 2002.

SANTIAGO, M.P. **Gestão de Marketing** – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008

SARANGI, S. 2006. The conditions and consequences of Professional discourse studies. In: R. KIELY; R. DICKINS; H. WOODFIELD; G. CLIBBON (eds.), **Language, culture and identity in Applied Linguistics**. London, Equinox, p. 199-220.

SCHIFFRIN, D. **Approaches to Discourse**. Cambridge Mass. Blackwell Publishers, 1994.

———. Narrative as self-portrait, sociolinguistic construction of identity. **Language in Society** 25 (2): 167-203, 1996.

SEALEY, A.; CARTER, B. **Applied linguistics as social science**. Australia, Continuum International, 2004

SOUZA C.R. de. **A (re) construção de identidade profissional e organizacional e a experiência de afiliação no contexto das instituições de ensino de inglês**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

TODOROV, T. **A Conquista da América: A questão do Outro**: São Paulo: Martins Fontes, 1982.

WENGER, E. **Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity**. Cambridge, CUP, 1998.